

ABEL VIANA



VOCABULARIO
MINHOTO

9

municipal
ventura



SIV-9



ABEL VIANA

VOCABULÁRIO MINHOITO

SUBSÍDIOS



ESPOSENDE
Livraria «Esposendense»

EDITORA
1930

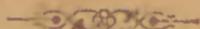
14710



Vocabulário Plinhoto



ABEL VIANA



VOCABULÁRIO MINHOTO

SUBSIDIOS



ESPOSENDE
Livraria «Espozendense»
EDITORA
1930

Do mesmo autor:

A ESTAÇÃO ASTURIENSE DE AREOSA
—VIANA-DO-CASTELO. (Separata de
«PORTUGAL») Pôrto, 1929.

ADVERTÊNCIA •

Sempre atento, o snr. José da Silva Vieira, ao que se relaciona com o estudo da nossa região, em especial ao que respeita à linguagem popular, não lhe passaram despercebidos os insignificantes artigos que, sobre esta matéria, publiquei nos jornais — «*Voz do Minho*» e «*Noticias de Viana*», em 1926 e 1929, respectivamente, sob a pretensão de que o conteúdo dos mesmos artigos viesse a aproveitar aos especializados em tal género de investigações.

Deseja agora o prestimoso cultor da etnografia minhota reunir em folhêto os meus escassos apontamentos, e eu, da melhor vontade, acedo ao seu desejo, não sem deixar de também tornar salientes a pouquidade do meu trabalho e o que de generoso há, para mim, no empenho do snr. José da Silva Vieira.

SEIXAS, Abril de 1930.

Nobel Viana.



N.—Quasi todos os vocábulos que seguir vão, foram publicados em 1926, no semanário caminhense «*Voz do Minho*».

Era este jornal de reduzida circulação e, portanto, de acesso difícil às pessoas a quem interessam tais apontamentos; abundaram os erros tipográficos; tomei conhecimento com vocábulos novos e acertei ou completei a significação de outros—eis as razões porque os reedito.

Não procedi a busca metódica e regular. São notas rapidamente tomadas, durante conversas de acaso, ou provocadas para outras investigações, com lavradores, pescadores e mais gente do povo.

Muitos dos vocábulos apontados terão sido já incorporados nos modernos dicionários.

I—Acôvolado, *adj.* «Prato acôvolado»—prato côvo, fundo, sopeiro. (*Lanhelas*) (*)

(*)—Os nomes entre parêntesis são das localidades onde colhi os vocábulos, o que não quer dizer que estes sejam daí exclusivos.

2—Água branca. A água do rio, ou do mar, quando está límpida, quando deixa ver bem o fundo. (*Arçosa, Seixas., Lanh.*)

3—Água de cima. Diz-se que «há água de cima», quando as águas do rio engrossam, em virtude de chuvas abundantes, caídas na bacia superior. A água de cima provoca cheia, em geral, ou, pelo menos, uma corrente impetuosa, torva, que vai carreando galhos e árvores desarraigadas e seguindo no sentido da foz, mesmo enquanto a maré sobe. (*Seix., Lanh.*)

4—Água de fora. O mesmo que «Água de cima». (*Seix., Lanh.*)

5—Água dura—No rio Minho: Corrente forte, impetuosa. A água do meio do rio é sempre mais dura que a de ao pé das margens. (*Seix., Lanh.*)

6—Água negra. Diz-se que «há água negra», quando a água do rio corre turva.

Ao contrário da «água branca», a «água negra» é condição favorável para a pesca. (*Seix., Lanh.*)

7—Água parada. A curta paragem

da água do rio, no máximo do préamar, ou do baixamar, (*Seix., Lanh.*).

8—Albitana, f. Malha larga das rêdes de três panos, como a lampreira e o tresmalho, ou o próprio pano de malha larga. (*Seix.*) *Morais* regista *Alvitana*.

A significação não acerta por esta que se dá aqui.

9—Alça, f. Peça de madeira, pregada na borda do barco e atravessada pela enxama (*Vid. Enxama*). A alça serve para não deixar romper a borda do barco, pelo atrito do remo (*Seix., Lanh.*)

10—Amante, *adj.* «Vinho amante—que se bebe com agrado, que «cai bem», que não repugna ao estômago; macio e bem apaladado. A vários indivíduos tenho ouvido dizer, depois de esgotarem um copo de vinho:

«Este vinho é amante», e acompanham a frase com o gesto, pondo a mão espalmada sôbre o peito. (*Seix., Lanh.*)

11—Apeitar, *v.* Tomar a peito, interessar-se, deitar sentido, tomar em consideração.

—«Não costume apeitar o que

dizem os jornais». (*Lanh.*)

12—Arando, *v.* «Manuel está arando (com acento grave no *a*) por que venha o bom tempo»; «Estava arando por se ir embora»,—Equivale a: «Manuel está morto (ansioso) por que venha o bom tempo»; «Estava ansioso por se ir embora». (*Lanh.*)

13—Armar, *v.* «Armar uns feijões», ir à feira «armar um milho», «armar as compras» na mercearia; armar um pau ou outro objecto qualquer—comprar, arranjar, ir em busca de. (*Fradelos—Famalicão.*)

14—Arrefontar, *v.* Arrefecer. (*Anais—Ponte-de-Lima*)

«Foi parir a Belém (*a Virgem*),
Onde o boi bento comia;
O boi bento aquentava
E a mula «arrefentava».

Cantigas de «Reis e Janeiras»—
Vid. *Lusa*, vol. I, pág. 182.

15—Asmar, *v.* Definhar. Diz-se das plantas que murcham e amarelecem por falta de rega.—«Os feijões precisam de água; estão a asmar». *Adj. v.*—Asmado. (*Seix.*)

16—Assedar, *v.* Assedar uma pe-

dreira»— dar um ou mais barrenos cujo efeito seja fender o rochedo em várias direcções, de modo que fique em blocos soltos e deslocáveis só com o emprêgo de alavancas. (*Lanh.*)

17—*Assento, m.* O terreno de cultivo que circunda a casa, ou contiguo a ela. (*Algarinho-Maia*).

18—*Astrado, m.* Cama de mato, de felgas (Vid. *Felgas.*), colmo, etc., para o gado. (*Frad.*)

19—*Astrar, v.* Preparar a cama do gado. (*Frad.*)

20—*Astro, m.* O mesmo que «*Astrado*». (*Frad.*)

21—*Baça, f.* Balsa, dorna. (*Frad.*)

22—*Badante, adj.* «Vou à merenda, porque já me sinto badante»—fraco, com a barriga vazia. Outros dizem: «já sinto a barriga «badante».

23—*Balcões, m.* Leirões, galgueiras, alqueives ou galeiras—bocados de terra particularmente preparados para a sementeira de certas espécies hortenses: couves para transplante, ervilhas, feijões, cenouras, pepinos, etc. (*Seix.*)

24—*Belouras, l.* Chamam «be-

louras» a uns chouriços feitos com farinha de milho miúdo e sangue de porco. Os chouriços são encalidos e, à medida que se vão consumindo, partidos às rodelas, para fritar. (*Paredes-de-Coura.*)

25—Bichaquito, *m.* Picada no pé: pequeno espinho espetado no pé; a inflamação produzida por um espinho, no pé. (*Frad.*)

26—Bigorriho, *m.* Ave frequentadora das margens dos rios, semelhante ao maçarico, de patas não palmadas, talvez o *Totanus ochropus*. (*Seix.*)

27—Boalha, *f.* Planta dos terrenos encharcados, de folha comprida e filamentosa, a qual, depois de seca, serve para atadura. Em Seixas há, na margem do rio, um local onde esta planta abunda, a que chamam «Boalheira».

28—Bolas, *f.* Bolas de farinha de milho amassada com sangue de porco. Diferem das «Belouras» no formato e na qualidade da farinha, que é a de milho vulgar. (*Seix.*)

29—Bragasta (*vragasta, grabasta e gravasta*), *f.* Verdasca, vergasta. (*Frad.*)

30—Bufarela, *f.* Fogareiro de petróleo, a pressão. (*Seix.*)

31—Cabeçalha (*cabeçalho, cabeçada*), *f.* O grosso varal do carro de bois, ao qual, por intermédio de outras peças, se junte o gado. (*Seix. Lanh. Arcosa, Viano-do-Castelo*)

32—Cadoias, *f.* As quatro ou cinco peças do carro de bois que tramam as «Chedas» entre si e as ligam à parte da cabeçalha que fica a par destas. (*Seix.*)

33—Calcada, *f.* Debulha do trigo, fazendo-o pisar pelo gado. O trigo, depois de segado e bem sêco, é posto na eira, e faz-se voltear sobre ele uma ou mais juntas de bois. (*Frad.*)

—Processo de pesca que consiste em lançar uma rêde de cêrco e colhê-la, enquanto alguns homens, em número variável, metidos na água, batem esta com as mãos e com as pernas, ou usam qualquer outro meio de agitar a água e produzir barulho. (*Seix.*)

34—Calcadores, *m.* Os homens que trabalham na «Calcada». (*Frad.*)

—Os pescadores que pescam à «Calcada»; os pescadores a quem, durante a colhida de certas rêdes

de cêrco, volantes, está entregue o trabalho de calçar, com os pés, a «Tralha» inferior da rêde, de modo que se cinja o mais possível ao leito do rio e impeça a fuga do peixe. (*Scix.*)

35—Cambas, *f.* No carro de bois:—As duas peças curvas que, ligadas ao «Meão», formam a roda.

As «Cambas» e o «Meão» constituem as partes essenciais da roda do carro de bois. (*Scix., Lank., etc.*)

36—Canhos, *m.* As espigas de trigo ou centeio e as palhas amontoadas pelas varreduras, depois da batida ou da «Calcada». Nestas espigas há ainda grãos que lhes ficaram adherentes. (*Frad.*)

37—Caniço de pés, *m.* Pequeno estrado, no fundo interior do barco típico do rio Minho, entre a «Tosta» e o «Painheiro» da proa. (*Scix., Lank.*)

38—Cano, *m.* No remo usado no rio Minho:—A parte que fica para dentro da borda do barco e à qual o remador aplica as mãos. (*Scix.*)

39—Cantadouras, *f.* No carro de bois:—Os dois pequenos tornos, cravados em cada «Coucão», que deiteem o eixo. O atrito do eixo nas

«Cantadeiras», ou «Cantadoiras», produz o chiar característico d'esses carros. (*Seix.*)

—Há uma pequena peça, embutida no «Coucão» e atravessada por estes tornos, a que, noutras localidades, chamam também «cantadouras».

40—Carneiro, *m.* Gíria de «Passadores»:—O emigrante indocumentado. (*Lanh.*)

41—Carôcho, *m.* «Barco carôcho» ou, simplesmente «Carôcho»—O barco típico do rio Minho. (*Caminha*).

—O mesmo que meda. (*Venade*)

42—Carvalheira, *f.* Carvalho frondoso. (*Lanh.*)

43—Cassa, *f.* Unidade convencional, pela qual se regula a medida do comprimento das rêdes.—«Uma cassa», «meia cassa», «cassa e meia», etc.

A «cassa» divide-se em quartos, e cada quarto tem um certo número de «Cortiças»—22 ou 25 no tresmalho. (*Seix, Lanh.*)

44—Castanheira, *f.* O mesmo que castanheiro. (*Lanh.*)

45—Ceirão (ou *Mandile*), *m.* Cei-

ra de forma cilíndrica, parecida com a que serve de envoltório aos pregos e aos figos sêcos, onde se lança o favo, depois de espremido, para ser tratado de maneira a obter-se a cera livre de impurezas. (*Frud.*)

46—Chavelhão, *m.* No carro de bois:—Pau de quatro ou cinco decímetros que segura o jugo (a canga ou o cangão) à cabeçalha. (*Seix.*)

47—Chedas, *f.* No carro de bois:—As duas grandes peças laterais onde se abrem os orifícios que recebem os fueiros. Pela parte inferior, ligam-se-lhes os «Coucões». (*Seix.*)

48—Chicho, (*Chichero* ou *Chixro*), *m.* Flutuador formado por um pau com uma porção de rectângulos ou rodélas de cortiça, enfiadas do maior ao menor. Tem na sua extremidade inferior uma corda que liga à extremidade da rêde e serve para, quando a rêde está largada, indicar onde esta começa e acaba. Alguns «Chichos» têm marcas indicativas do dono da rêde. (*Seix.*)

49—Chorar, *v.* Gíria de algerifeiros.

«Fazem do monte comum pequenos lotes, cada um dos quais

com igual número de sáveis. Como os sáveis não são de igual tamanho, a desigualdade dos quinhões é manifesta.

Os que ficarem inferiores aos outros estão a «*chorar*» e, para que não «*chorem*», trocam-se estes por aqueles peixes, juntam-se aos montes prejudicados alguns sáveis mais, de modo que a divisão fique mais equitativa possível.» (De «A pesca do sável no rio Minho» — *Gazeta de Viana*, 1925), (*Seix.*)

50—*Corhar*, *v.* Malhar os «*Canhos*»,—malhar as espigas do trigo depois da «*Calcada*», a fim de lhes extrair os grãos que ficaram adherentes. (*Frad.*)

51—*Cortinha*, *f.*—O mesmo que «*Assento*», em Algarelho (Maia); «*Eirado*», em Macieira (Barcelos); «*Lugar*», em Areosa (Viana) e «*Eido*» ou «*Aido*» de outras localidades. Vide «*Assento*». (*Frad.*)

52—*Cortiças*, *f.* Pequenas rodela de cortiça que servem para manter na vertical, quando na água do rio, o pano ou panos da rede. (*Seix., Lanh.*)

53—*Cortçada*, *f.* O conjunto das

«Cortiças» de uma rêde. (*Seix.*, *Lanh.*)

54—Couca, *f.* Pequena meda de centeio ou de trigo, feita no campo, logo após a sega. (*Frud.*)

55—Coucão, *m.* No carro de bois: —Forte peça de madeira que fica por baixo de cada «Cheda». Nos «coucões» fixam-se as «Cantadouras». (*Seix.*)

56—Cuanha, *f.* No barco do rio Minho: —Pequena tábua colocada à pôpa, que serve de assento ao tripulante que vai ao leme. (*Lanh.*)

57—Cubicar, *v.* No sentido próprio: —Achar o volume de qualquer objecto; avaliar o volume da madeira, em prancha ou em tabuado.

Em sent. fig.^o —«Cubicar o assunto»: estudá-lo, ponderá-lo. (*Lanh.*)

58—Dada, *f.* Enguigo, enfeitamento por um mau olhado. (*Dar-que*, *Areosa*).

59—Eido, *m.* Vid. «Cortinha».

60—Eirado, *m.* Id. id.

61—Encala, *f.* A distância que medeia, na «Tralha», entre duas prisões de malha da «Albitana». (*Seix.*)

62—Encarochar, *v.* Fazer «Carôchos», arrumar a palha em modas. (*Venade*).

63 — Encoucar, *v.* Fazer «Coucas»,
(*Frud.*)

64 — Enfustar, *v.* Envasilhar o vi-
nho nas «Fustes». Em sent.^o fig.^o: —
beber muito vinho, (*Seix.*)

65 — Enrolbar, *v.* Fazer «Rolhei-
ros». (*Frud.*)

66 — Entralhada, *adj.* «Rêde en-
tralhada»; munida das respectivas
«Tralhas».

Em sent.^o fig.^o: «Homem entra-
lhado» — embaraçado, atrapalhado,
metido em apuros, (*Seix.*)

67 — Entremôços, *m.* Tremoços.
(*Seix., Lanh.*)

68 — Enxama, *f.* Pequeno torno, de
pôr e tirar, na borda do barco, no
qual se enfia a «Olheira» do remo
(*Seix., Lanh.*) Em Viana-do-Caste-
lo, chamam-lhe «Tolête».

69 — Erveira, (pron. —erveira) *f.*
esófago, tanto nos animais domés-
ticos como na gente. (*Seix., Lanh.*)

70 — Escreveideira, *epic.* Nome po-
pular da *Emberisa cirtus*, *Lin.*
(*Seix.*)

71 — Esgana-cão, *m.* Passagem a-
berta num muro, entre dois esteios,
tendo em frente e a pequena dis-
tância um terceiro que as pessoas

torneiam, ao passar, não o podendo fazer os animais de certa corpôlência. (*Frad*)

72—Eslarado, *adj.* Antónimo de «Acôvolado»: «prato eslarado»—rasso, «cesto eslarado»—de borda baixa e grande superficie. (*Lanh.*)

73—Esqueiro, *m.* Passagem por sôbre um muro, por meio de curtos e espaçados degraus metidos no mesmo muro.—Escada estreita e muito comprida, de madeira, para encostar ás medas, árvores, etc. (*Frad.*)

74—Esquinar, *v.* Espreitar à esquina; observar; deitar sentido, disfarçadamente. (*Lanh.*)

75—Estradelar, *v.* O mesmo que «Astrar». (*Frad.*)

76—Estrepos, *m.* As raízes dos pinheiros que ficam no solo, quando os pinheiros são cortados pela base do tronco. (*Frad.*)

77—Estrêpos, *m.* Id. id.

78—Fames, (ou *famles*), *m.* As cordas delgadas que ligam as extremidades das «Tralhas» da rêde, de uma ponta à cabaça, «Chixro», ou qualquer outra bóia marcadora, e da outra ao barco de onde a rê-

de é largada. (*Seix., Lanh.*)

79—Feiticeiras, *f.* Nome vulgar de alguns coleópteros, como as Cetónias, Besouros e Escaravelhos. (*Seix.*)

80—Falgas, *f.* As raízes do centeio e do trigo, arrancadas depois da sega, para «Astro» das cortes. (*Trad.*)

81—Frucheira, *f.* (Funcho. *Darque, Arcosa*).

82—Fruncho, *m.* Id. id.

83—Fuliscas, *f.* Folhas sêcas caídas das árvores, que se aproveitam para cama de gado e estrumeiras. (*Seix.*)

84—Fuste, *f.* Pipa, balsa, casco, *Seix., Venade*.

85—Galguido, *adj. v.* Engolido, apanhado, atingido:—«Quando lhe acudiram, estava quasi galguido pelo mar». (*Darc.*)

86—Galinhas (*Galinhas do Senhor* ou *galinhinhas do Senhor*), *f.* As borboletas claras, geralmente as da couve (*gen. Pieris*) e certas borboletas nocturnas como, por exemplo, as das traças. (*Darc., Seix.*)

87—Garajola, *m.* Rapaz avantajado de estatura; trambalazaina.

(*Darg.*, *V.-do-C.*, *Areos.*, *Lanh.*, etc.)

88—Garoupa, *f.* Assim chamam os rapazes de Seixas ao pião. (*Seix.*)

89—Gravasta, *f.* Vid. «Bragasta».

90—Catém, *m.* Os fetos, (a que noutras localidades do Minho chamam *feito*), misturados com mato miúdo, carrascas e outras plantas do monte que servem para cama do gado. (*Seix.*)

91—Galeuho, *m.* Id. id.

92—Jouça, *f.* O escremento humano. (*Areos.*)

93—Junça, *f.* O mesmo que «Jouça». (*Areos.*)

—O mesmo que «Boalha». Por generalisação: quaisquer palhas ou folhas fibrosas que servem para atadura, (*Seix.*, *Cerveira*).

94—Jorra, *f.* Depósito formado em vários líquidos oleosos: escórias, rojão das forjas e grelhas das máquinas de vapor. (*Seix.*)

95—Labaças, *f.* As plantas aquáticas que, em grande abundancia, estendem os caules e folhas ao sabor da corrente do rio. (*Seix.*, *Lanh.*)

96—Lagúrdia, (*á-lagurdia*), *loc.-adv.* Só se emprega como cir-

cunståncia de modo da 'acção de comer:—«Comi à lagurdia», isto é, á tripa fõrra, excessivamente. (*Darg.*, *V.-do-C.*, *Areos.*)

97—Lerlante, *adj.* Falador, engraçado: pantomineiro, com léria. —«Aquêlé è muito leriante». (*Seix.*)

98—Lisboano, *m.* «Pelo Natai, chegam aí muitos lisboanos» —Entenda-se por lisboanos os rapazes desta localidade, no geral aperários, que trabalham em Lisboa. (*Seix.*)

99—Mal da solha, *m.* Segundo informações do povo: «Doença que atinge as ovelhas. Manifestam-na por berres consecutivos. E' doença incurável. Costumam abater os animais atacados, para consumo, aproveitando-os antes que sucumbam.

O mal da solha aparece nos meses de Agosto e Setembro, na occasião em que as marés vivas cobrem os pastos das insuas e das margens do rio. As águas dessas marés depositam nos pastos as ovas da solha, as quaes, ingeridas pelas ovelhas, produzem a doença. Abrindo o fígado, encontra-se nele uma solhinha, formada pela substância do

próprio figado, mas com o desenho e colorido da verdadeira solha. (Lanh.)

Pelo que dizem ver-se no figado do animal atacado, pode supor-se que a doença seja produzida pela duva.

100—*Manata, m.* Finório, espectralhão—«Aquêie saiu um manata!...» (V.-do-C.)

101—*Mandile, m.* O mesmo que «Ceirão». (Frad.)

102—*Mão, f.* O cabo que segura a rêde algerife e que é largado após o lançamento desta rêde. Alando êste cabo, que segura uma das extremidades do algerife, e a «Rabeira», que segura a outra, fecha-se o cêrco. (Seix., Caminha., Lanh.)

103—*Meão, m.* Uma das peças da roda do carro de bois. No meão encaixa o tôpo do eixo. (Seix., Lanh., Arcos.)

104—*Medeiro, m.* Meda, carocho, (Vilarelho, Seixas e nalgumas localidades do concelho de Ponte-de-Lima.)

105—*Meixão (ou mexão), m.* A cria da enguia, no seu estado trans-

parente e ainda um pouco depois desta fase. (*Seix. Lauh., Caminha, Cere., Valença.*)

A enguia, a-pesar-da pequena distância a que a nossa costa fica, e principalmente esta parte do norte, do limite a que chega o *leptocéfalo*, entra a barra do Minho, na sua maior parte, num estado de pigmentação já muito adiantado.

106—*Miada, f.* Na rede de três panos:—O pano de malha mais reduzida; a própria malha. (*Seix., Lauh.*)

107—*Moço, m.* No carro de bois:—O pau, a modo de fueiro, que serve para aguentar a «cabecalha», quando se tira o gado, quando se quiere descarregar ou quando se quiere dar descanso aos animais. (*Seix.*)

108—*Molida, f.* O conjunto de aprestos de quem vai ao monte, à lenha. Consta de: um sico, corda e foice, ou machada. (*Seix.*)

109—*Mórcas, f.* «Rede das mórcas»—rede de malha miudíssima, proibida. Esta rede, como se prevê, é muito danosa, porque apanha a criação dos peixes. Ignoro se «mórcas» é determinada espécie de peixe

ou se designam assim todos os peixes pequenos, inclusivé os imaturos das espécies de maior tamanho. (*Seix., Lanh.*)

110 — *Morra*, *f.* O mesmo que *insua*. Não pude averiguar se «*mória*» era o nome próprio de uma das *insuas*, ao depois generalizado a tôdas as outras. (*Seix., Lanh.*)

111 — *Morrihoso*, *m.* Embirrento, quisilento. (*Seix., Lanh.*)

112 — *Muzêlos*, *m.* Tenho ouvido chamar assim aos pequenos anzóis. (*Seix.*)

113 — *Nelo*, *m.* Pequeno «*Pandulho*» que se coloca entre dois *pandulhos* consecutivos. A cada *pandulho* corresponde, na outra tralha da rêde, uma *cortiça*. O «*neto*» corresponde ao meio do vão entre duas *cortiças*. Vid. *Pandulho*, *Tralha*, *Cortiça*. (*Seix., Lanh.*)

114 — *Ólareques*, *interj.* As vezes corresponde a: Olá! Pois isso! Está claro! E' certo! (*V. de C., Arcos.*)

115 — *Oléques*, *Id.*

116 — *Olhal*, *m.* Na roda do carro de bois: O *vasado*, ao centro do «*Meão*», onde encaixa o tópo do eixo. (*Seix.*)

117—Olheira, *f.* No remo usado no Rio Minho: Pequena peça de madeira, fixa no «Cano», na qual fica o buraco que enfia na «Enxama». (*Seix.*)

118—Palhadouro, *m.* Forquilha de madeira, muito comprida, com que se ergue a palha-triga, depois da «Calcada», da eira para a «Serra». (*Trad.*)

119—Palhoça, *f.* O mesmo que «caroça» ou «croça»—o gabão feito de palha, cujo uso, nestes últimos anos, tem desaparecido a olhos vistos. (*Trad.*)

120—Paneiros, *m.* No barco do Rio Minho: Os estrados que assentam à prôa e à pópa, à que chamam, respectivamente, «paneiro de prôa» e «paneiro de pópa». Este é mais ou menos horizontal e aquêle inclinado para vante. (*Seix, Lanh.*)

121—Pandullada, *f.* O conjunto dos «Pandulhos» e «Netos» duma rêde. (*Seix, Lanh.*)

122—Pandulhar, *v.* Colocar os «Pandulhos» na rêde.

—Na pesca com a rêde lampreira: operação que consiste em ir puxando ao lume de água, depois

de largada a rêde, tôda a «Tra-
lha» dos «Pandulhos», a começar pe-
la ponta que primeiro se largou. O
seu fim é verificar se a rêde ficou
bem estendida e evitar que se esca-
pem as lampreias mal emalhadas.
(*Seix. Lanh.*)

123 - Pandulho, *m.* Espécie de sa-
quinho de lona, pano-cru ou tec-
ido idêntico, do feitiço de crescente
muito alongado, cheio de areia
grossa, que serve para lastrar a rêde.
(*Seix., Lanh.*)

124— Parume, *m.* Permanência,
paragem, paradeiro: «Se não fôsse
por incomodar-me, já não terias
parume à minha beira!» (*Arcoz.*)

125— Passador, *m.* O indivíduo
encarregado de trazer de Espanha
as mercadorias de contrabando, em
geral de barco, por conta do outrem.
(*Seix., Lanh.*)

126— Pedrulho, *m.* Areia grossa,
as pedrinhas depositadas pelas tor-
rentes. (*Seix., Lanh.*)

127— Pelém, *m.* «Pessoa delica-
da, enfermiga — «Tôdas as doenças
lhe tocam! aquilo é um pelém!»
(*V.-do-C.*)

128 - Perdizea, *f.* Usado entre

rapazes; nome do pião de pequeno tamanho. (*Seix.*)

129—Piada, *f.* «Mandile» ou «Ceirão» cheio de favo espremido do mel. (*Frad.*)

130—Picante, *m.* Período da maré, entre o baixamar e a preamar («meia água crescida»). (*Seix.*)

131—Picar, *v.* Toque de sino; «O' Maria, já picou para a Missa?»: já «picou à reza». (*Anais, Ponte-de-Lima; Gondarém.*)

132—Pinguela *f.* Passagem sobre um rêgo, córrego ou pequeno regato; pontilhão rudimentar, ordinariamente constituido por uma simples prancha. (*Frad.*)

133—Pintassilga, *epic.* Em vez de pintassilgo. (*Seix.*)

134—Promessa, *f.* «Todo o peixe (pescado pelos algrifeiros) vai, como acima se disse, para o monte comum; mas ao barco cuja rêde trazer, num lanço, de 10 a 19 sáveis, cabe-lhe um, á escolha, de entre os maiores—é a *promessa*.

Se o lanço trazer 20 ou mais de 20 sáveis, o barco largador recebe duas promessas e mais não, ainda que o lanço traga muitas centenas.»

(*A pesca do sável no Rio Muilo*,
«Gazeta de Viana», 1925.)

A promessa parece ser uma reminiscência de qualquer foro que, em tempos, existiu a favor de qualquer entidade, que não aos algerifeiros mais afortunados nos lanços.

135 — Pupas, *f.* O mesmo que: apupos. (*Seix.*)

136 — Quarteleiro, *m.* Do um modo geral, é o pescador que, na pesca do sável, a tresmalho, anda associado com outro. Há o «meio-quarteleiro», os que «andam ao terço», etc., consoante o material com que cada associado contribui — «o que cada um põe» — para fazerem a temporada de pesca, em comum, no mesmo barco. Outras vezes, o quarteleiro não «põe» o barco, nem rede, nem qualquer parte desta; contribui com o seu trabalho e recebe metade, a terça, a quarta parte do produto da pesca, ou o que for estipulado com o companheiro proprietário da rede e do barco. (*Seix.*, *Lanh.*)

137 — Quebra, *Vid. f.* «Neto».

138 — Rabeca, *f.* Nome vulgar de *Cerambyx heros*, coleóptero longicórneo muito vulgar nas carvalheiras.

ras do Minho. (*Seix.*)

139 — Rabeira, *f.* O cabo da rede algerife pelo qual a seguram de terra, ao largar. (*Seix.*)

140 — Remancha, *f.* «Ao comprador de meia talha dão um sável, de remancha; ao comprador de uma talha dão dois». (*A pesca do sável no Rio Minho, «Gazeta de Viana, 1925).*

Vid. «Talha». A remancha é uma compensação dada ao comprador, em virtude dos peixes não serem todos do mesmo tamanho. (*Seix., Lanh., Gond.*)

141 — Rôla, *f.* Espécie de sável.

Julgo ser um peixe desta mesma família — *clupeos*. Alguns pescadores tomam-no pela fêmea do sável, depois da desova, o que não deve ser verdade. (*Seix., Lanh.*)

142 — Polheiros, *m.* Pequenos feixes de palha de trigo, ou de centeio, que se deixam ficar no campo onde foi segado.

Os rolheiros, reünidos, formam as «Caucas», que ao depois são levadas para a eira, quando as espigas estão convenientemente sêcas. (*Frad.*)

143 — Reponta, *f.* O começo de vassante, isto é, o momento, a seguir ao preamar, em que a água começa a correr para a foz. (*Seix., Lanh.*)

144 — Resposta *f.* «Trazer uma resposta», dar uma resposta», «levar uma resposta» — o mesmo que: trazer, dar ou levar um recado. (*Frad.*)

145 — Ressa, *f.* Ressas — canais mais profundos do rio, onde as rêdes volantes trabalham mais desembaraçadamente e onde o peixe mais abunda.

Em sent. fig: «Estou na minha ressa» — estou no lugar, ou na ocasião, mais favorável, mais propicia, que mais me convém. (*Seix.*)

146 — Sacador, *m.* O homem que pesca com a rêde de cêrco a que chamam «Sacada». (*Seix.*)

147 — Salagarta, *f.* Lagartixa. (*Areos. Seix., Lanh., etc.*)

148 — Salamaganta, *f.* Salamandra. (*Areos, Seix., Lanh.*)

149 — Salamagarta, *f.* Vid. — *Salamagarta.*

150 — Salamanta, *f.* Vid. *Salamaganta.*

151 — Salão *m.* Lugares do rio, em geral relativamente profundos;

onde há limos e lodo endurecido; — «O rio aqui faz salão». Outros chamam «salão» ao lodo endurecido existente nesses lugares, que são procurados para a pesca da enguia por engôdo, visto serem comedouros muito frequentados por tal peixe. Os pescadores procuram evitar que as rêdes toquem nesse lodo porque, prendendo-se elas nos seus blocos irregulares e muito duros, sofrem graves avarias. (*Scix., Lanh.*)

152—Saramela, f. Vid.—*Salagarta.*

153—Seita, f. Ferro do arado; facão. (*Areos*).

154—Serra, f. Grande meda de palha triga ou centeia. A meda, propriamente dita, aqui, é a de palha milha. (*Frad.*).

155—Sobral. *m.* Ardentia, ou fosforecência das aguas, quando agitadas, e dos objectos nelas mergulhados, fenómeno devido à presença de algas microscópicas que possuem aquella propriedade.

O «sobral» dificulta a pesca de alguns peixes. Parte do vulgo supõe que o «sobral» é formado pelo pólem dos pinheiros, em suspensão na água do rio, considerando-o co-

mo venenoso para os peixes. (*Seix.*)

156—*Sogra*, *f.* Nome dado ás rodilhas de tiras entrançadas que se vendem já feitas e que servem para se colocar sob o caneco, cesto e outros objectos de transportar à cabeça. (*Seix.*)

157—*Talha*, *f.* Lote de 10 sáveis. Os algerifeiros adoptam esta unidade para efeitos da venda do peixe. Assim, a um cento de peixes chamam «dez talhas»—não incluindo os vinte sáveis que o comprador desta porção leva gratuitamente. Vid. «*Remancha*» (*Seix.*, *Lanh.*, *Gond.*)

158—*Tanchão*, *m.* Jôgo de rapazes, o qual consiste em arremessar contra o solo, de ponta, um pau aguçado, de modo que êste fique cravado e derrube o do parceiro. (*Lanh.*)

159—*Tanchar*—*v.*—«*Tanchar*» um pau, uma vara—o mesmo que cravá-la no solo. (*Lanh.*)

160—*Tendai*, *m* Vara cravada verticalmente no solo geralmente terminada em forquilha. Na forquilha de dois tendais, colocados a distância conveniente, pousa uma ter-

ceira vara e sôbre está estendem-se as rêdes, cortiças para um lado e pandulhos para o outro, para assecar ou consertar.

161 — Tendalada, *f.* — Reünião de tendais. (*Lanh.*)

Em Seixas, chamam «varais» aos «tendais» e designam por «tendal» um dispositivo formado por quatro estacas, de cêrca de um metro de altura, sôbre as quais se apoiam, horizontalmente, quatro varas, dispostas em rectângulo. Sôbre as duas varas que formam os lados maiores do rectângulo, fazem deslizar os panos das rêdes, à medida que os consertam.

162 — Tinaça. *f.* Dorna. (*Seix., Ven.*)

163 — Tinalla, *f.* *Id.* (*Valença.*)

164 — Testa, *f.* No barco do Rio Minho — a tábua, ao centro do barco, à maneira de banco. Na «tosta», senta-se o remador, quando acciona os dois remos do barco. Quando os remadores são dois — e é o caso geral — senta-se um na «tosta» e o outro na borda do «paneiro de proa», cada um com um só remo. (*Seix. Lanh.*)

165—Tralha, *f.* Corda delgada que se coloca na parte superior e na parte inferior da rêde, para fixação das malhas, cortiças e pandulhos — «tralha das cortiças» e «tralha dos pandulhos».

Por generaliz.—qualquer corda delgada (*Seix, Lanh.*)

166—Trambalazafna, *m.* Pessoa agigantada, de andar caricato, com mau gôsto no trajal. (*V.-do-C.*)

167—Tranches, *m.* Sardinhas roídas no lombo e na cauda por outros animais marinhos (dizem que pelo carangueijo). (*V.-do-C.*)

168—Tranglemanglo, *m.* «Deu-lhe o tranglo manglo»—forma jocosa de dizer que alguém adoeceu, que se avariou um maquinismo. (*V.-do-C.*)

169—Tresmalheiro, *m.* O homem que pesca com rêde chamada tresmalho (ou «estremalho», como tambem se diz). *Seix., Lanh.*)

170.—Trincar, *v.* Percutir com os nós dos dedos qualquer vasilha, de barro ou de fôlha de ferro, a-fim-de avaliar pelo som se o objecto «trinçado» está perfeito ou se «toca a rachado». (*Lanh.*)

171—Trintada, *f.* «Fazer uma trintada». Diz-se que faz uma «trintada» o indivíduo que serve de padrinho ao filho do casal de quem é já padrinho de casamento, ou que apadrinha o filho de um afillhado. O padrinho que faz uma trintada dá a toalha bordada em que o neófito é levado à pia baptismal. (*Anais-Ponte-de-Lima.*)

172—Vencelho, *m.* Atadura feita de colmo. (*Frud.*)

173—Verte-água, (pron. — *vérti-gua*), *m.* No barco do Rio Minho— a parte do fundo do barco, a um e outro lado, entre a «tosta» e os «paneiros», onde se colhe a água, com o vertedouro, para a esgotar.

O vertedouro é feito de uma placa de cortiça, dobrada em forma de cuia.

Duas tabuinhas, do feitio da metade de um óvulo, sendo o óvulo cortado pelo eixo maior, sugeriram a placa de cortiça na forma requerida e constituem os lados dessa espécie de cuia. (*Scix. Lanh.*)

174—Virelho, *m.* Vid. «Vencelho».

175—Volta d'água, *f.* O começo

da subida da maré, no Rio Minho.
(*Scix., Lanh.*)

Como digo em nota inicial, alguns vocábulos desta pequenina relação estão já incluídos nos dicionários, ou foram tratados em trabalhos subsidiários do estudo da linguagem popular.

Esses vocábulos, porém, nas localidades onde os ouvi, tem diverso significado.

Abstive-me de mencionar muitos outros que, por não passarem de pronúncia errada de palavras correntes, ou por serem leves variantes que não apresentam modificações fonológicas de acôrdo com as leis que a índole da nossa língua faz presidir à formação das corruptelas, não me pareceram de interêsse.

Por exemplo, *injecção*, que toda a gente, mesmo a das aldeias mais sertanejas, sabe o que é, e de tão vulgarizado que está êste recurso terapêutico, aparece como *inchação*. — que eu tenho directamente verificado, na pronúncia das localidades entre Viana-do-Castelo e Valença.

Mas não só aqui, porque me recorde de ter visto nos jornais de Lisboa, a propósito da prisão de bruxas e bruxos, pitonisas, sonâmbulas, videntes espíritas e idênticos exploradores da credulidade do vulgo, a reprodução de cartas em que os clientes davam conta do resultado das *inchações* preceituadas pelos embusteiros.

Os signatários eram da Capital e suas cercanias.

Por cá, é corrente dizerem que uma pessoa terá de lancetar um *processo*, quando o que a afflige é um *abcesso*.

Sem dúvida que tais vocábulos— assim como *autemóble* por *automóvel*, *talése* por *telégrafo*, etc., por mais voltas que algum filólogo lhes queira dar, não estão a pedir outra coisa senão intensificação do ensino primário.

Outra acolhida me parece que devem ter, por exemplo, os vocábulos *esquinar*, *badante*, *trincar* (que supponho provir de *trinco*: «novo do trinco»), *pinguela*, *rabeira*, etc., em geral mais expressivos que os seus sinónimos em linguagem

erudita, ou nomes que o povo teve necessidade absoluta de criar.

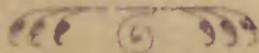
Ultimamente, no concelho do Caminha, tem-se espalhado o vocábulo *bufarela*. É o nome com que baptisaram os modernos fogareiros de petróleo vaporizado pelo ar comprimido.

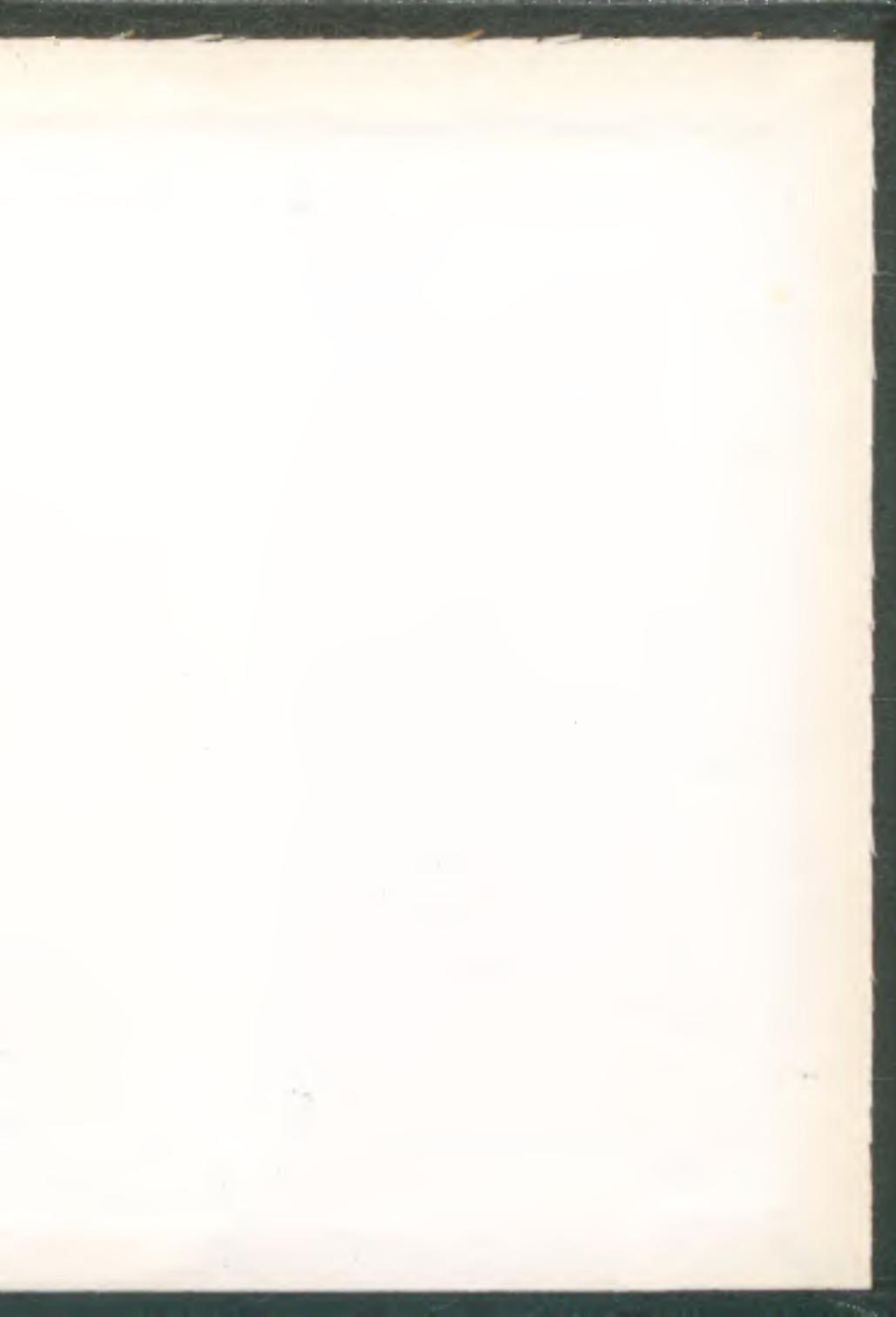
Não se pode deixar de reconhecer que *bufarela* não teve palavra que a precedesse, em língua portugueza. É eufónica e, além disso, parece dar ideia de «coisa que bufa e produz labareda».

Na minha humilde opinião, só os vocábulos dêste quilate tem direito a um lugar no dicionário.

A intensa emigração de gente pouco instruída para os países de língua franceza e ingleza está enchendo duma lamentável algaravia as povoações do Alto-Minho.

Os que vêm da França, referem-se a cada passo à «Maria» e ao «João d'armas». «Maria é a *mairie*, o «João d'armas» é o *gendarme*—vocábulos que, por falta de applicação entre nós, não oferecem perigo, mas outros existirão com probabilidades de se fixarem.





S
Bibliot
Manuel